

Desenhando os mercados de histórias em quadrinhos em Porto Alegre

Drawing the comic book markets in Porto Alegre

Dibujando los mercados de cómics en Porto Alegre

Victória Perfeito

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20276>

PRO 


revista de antropologia e arte

ensaios volume 15 | e025017



Desenhando os mercados de histórias em quadrinhos em Porto Alegre

Victória Perfeito

 <https://orcid.org/0000-0001-9730-4139>

> victoriaperfeito1@gmail.com

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para a construção da etnografia que dá forma ao presente ensaio visual, eu segui as “histórias em quadrinhos” pela cidade de Porto Alegre¹. O que me interessava era a capacidade das “HQs” de engendrar mundos sociais, nomeadamente, artísticos e mercantis. Pois, os “quadrinhos” não circulam ao acaso, mas mediante relações de troca e, principalmente, de um tipo específico: mercantil. Dessarte, discutir a circulação das HQs em Porto Alegre implica em explicitar os percursos etnográficos que foram traçados, bem como as abordagens e discussões teóricas trabalhadas em consonância.

Não faço um registro exaustivo, tampouco um resgate histórico da constituição dos circuitos artísticos-mercantis em pauta, a saber, “editoriais-tradicionais” e “independentes”. Sigo os fluxos das HQs pela cidade, ao passo que fui até onde pudesse encontrá-las. Dessa maneira, percebi que as HQs circulam agenciadas (Callon, 2013) por redes heterogêneas, performadas (Muniesa; Callon, 2019) por atores humanos e não-humanos que se vinculam — ou não, ou ora sim e ora não — tecendo variadas malhas. A pesquisa foi, portanto, traçada pelo corpo da etnógrafa e, enquanto metodologia para evidenciar tal movimento, lanço mão de desenhos feitos durante a condução do campo empírico.

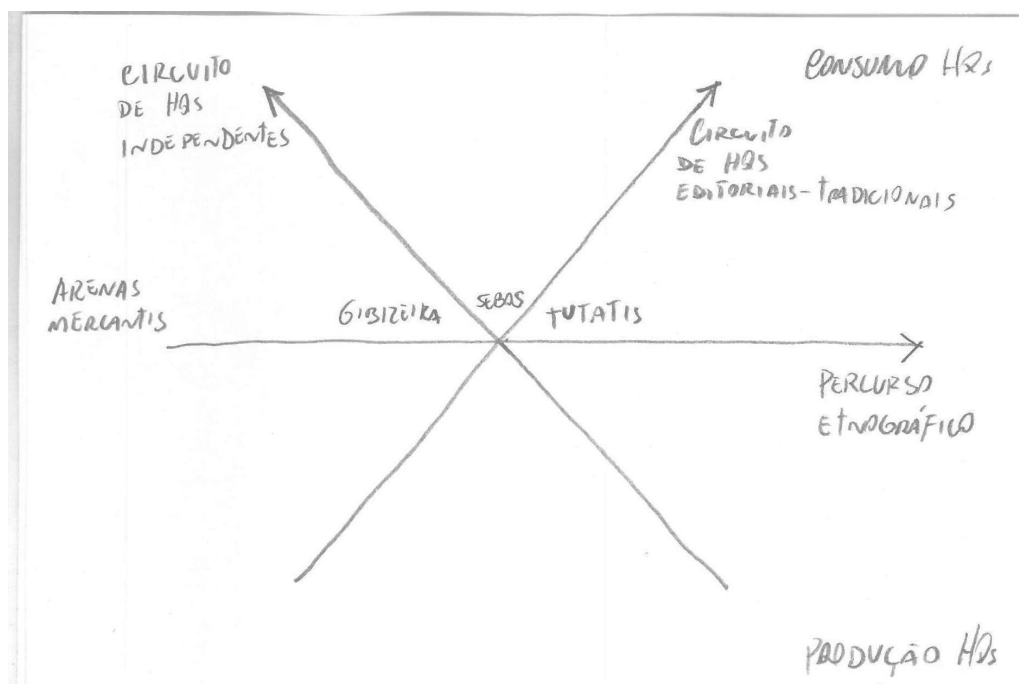
Foi frequentando “sebos, “gibiterias” e “feiras de HQs” que desenhei meu percurso e que a etnografia ganhou vida e deu forma ao ensaio. Desenhar facultou diálogos e catalisou relações cada vez mais próximas com pessoas — e coisas — engajadas nos modos de circulação das HQs em Porto Alegre. Os motivos gráficos integraram dinâmicas de encontro e desenvolvimento de interações, incluindo tensão, negociação, confiança e amizade, que marcam o exercício etnográfico². Os desenhos participaram da construção de dados que são organizados, analisados e, portanto, devem compor apresentações. Servem de ferramenta de sistematização, compreensão, e, conseqüentemente, colaboram para a exposição do caminho que tracei e dos circuitos que recortei.

1 A etnografia, que se desdobra em ensaio visual, compôs projeto mais amplo. Foi situada no âmbito de meu mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Perfeito, 2024).

2 Há nas ciências sociais, feitas a partir do Brasil, antropólogas que desenvolvem discussões - e cada vez mais - sobre desenho e fazer antropológico. Para debates introdutórios e cativantes sobre desenhar e etnografia, ver Azevedo (2016) e Kuschnir (2018). E para produção que articula, propriamente, histórias em quadrinhos e discussões antropológicas, ver Paterman (2024).

A etnografia desenhada data de 2023, anterior às emergências socioambientais que atravessaram a capital e o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024. Todavia, se relaciona ao fenômeno na medida em que evidencia estruturas físicas e vidas humanas (e não-humanas) que se empenham e, propriamente, fazem existir, no caso, arranjos artístico-mercantis, mundos sociais que não existiriam de outra maneira.

Se os mercados são apresentados como o domínio da ausência de “vínculos” (Cochoy, 2012), as cenas e os fluxos comerciais que desenhei sublinham, no entanto, como vínculo, arte e mercado estão entrelaçados. Aí está o coração do ensaio visual: como a circulação de HQs, através do comércio, cria mundos para si?

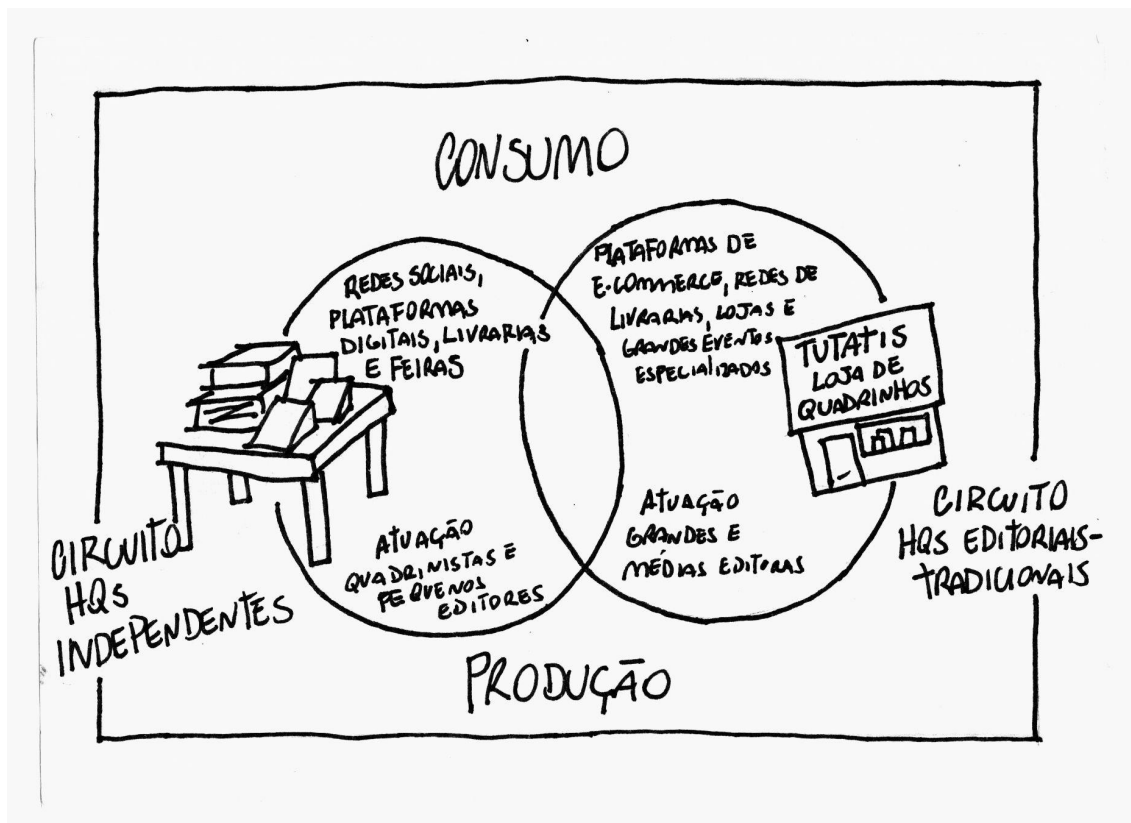


Desenho 1 – O diagrama, feito com lápis grafite 6B sobre papel branco 70g, articula visualmente tanto o percurso etnográfico que tracei na cidade de Porto Alegre, quanto a modelação analítica dele derivada.

O desenho organiza-se em dois eixos principais: I. o eixo horizontal representa o trajeto etnográfico, alinhando as arenas mercantis que constituíram o alicerce empírico e analítico das reflexões antropológicas aqui apresentadas — feiras de HQs (“Gibizeira”), “sebos” e “gibiterias” (“Tutatis”); e II. o eixo vertical diferencia os polos de produção (na base) e de consumo de HQs (no topo).

A partir da articulação desses dois eixos, delineiam-se dois circuitos artístico-mercantis principais observados em campo: o circuito das HQs independentes e das HQs editoriais-tradicionais. À esquerda, o circuito das HQs independentes é composto por quadrinistas e pequenas editoras, e orientado por práticas autorais e modos autônomos de produção, publicação e distribuição — que passam por feiras (como a “Gibizeira”), livrarias de bairro, redes sociais

e plataformas de financiamento coletivo, como o “Catarse”. À direita, o circuito das HQs editoriais-tradicionais é mediado por grandes e médias editoras, que operam uma ampla distribuição comercial por meio de redes de livrarias, lojas especializadas e eventos segmentados (como a Tutatis e a “ComicCon RS”), além de plataformas de e-commerce, como a “Amazon” — frequentadas sobretudo por leitores e colecionadores especializados.



Desenho 2 – Diagrama elaborado com caneta nanquim sobre papel branco 70g.

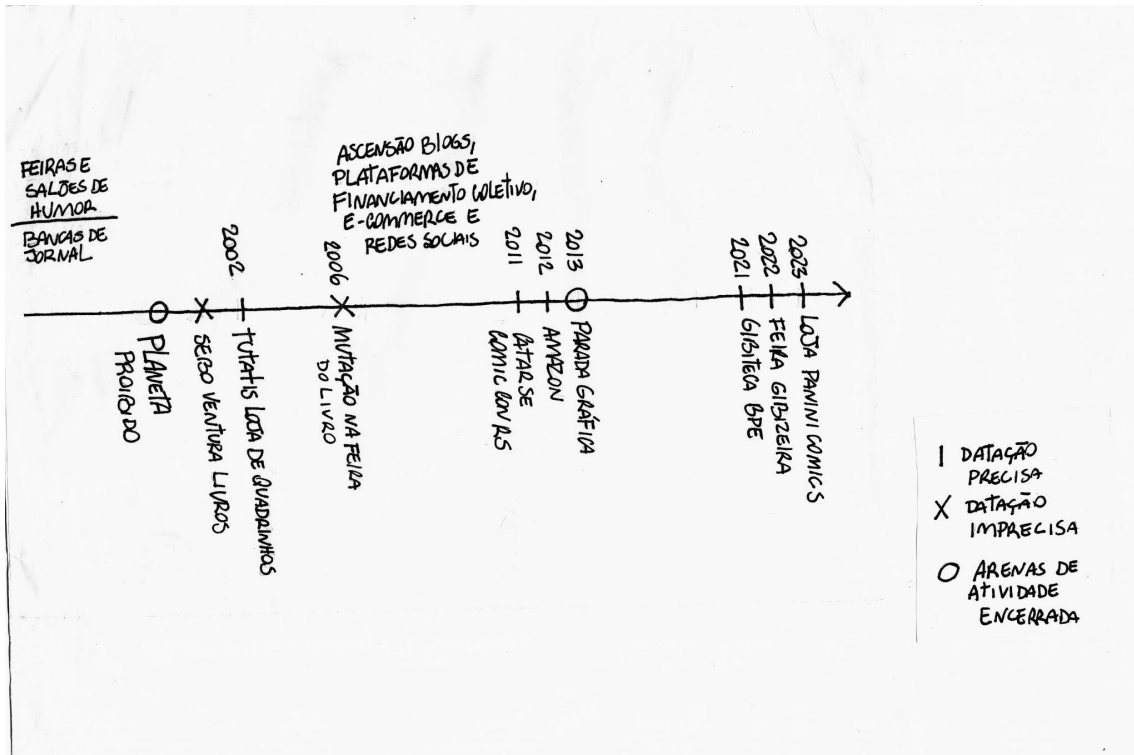
Este segundo diagrama sintetiza os dois principais circuitos de produção e comercialização através dos quais circulam as histórias em quadrinhos, conforme mapeado e modelado ao longo da etnografia: o circuito das HQs independentes — agenciado por quadrinistas, pequenas editoras, feiras (como a “Gibizeira”), redes sociais e plataformas digitais de financiamento coletivo (como o “Catarse”) — e o circuito das HQs editoriais-tradicionais — estruturado por grandes e médias editoras, redes de livrarias, plataformas de e-commerce (como a “Amazon”) e lojas especializadas (como a “Tutatis”).

O encontro entre os círculos — circuitos — destaca espaços e práticas de interseção, como a presença de HQs independentes em lojas especializadas ou a apropriação de plataformas digitais por grandes e médias editoras. A figura expressa como esses circuitos artístico-mercantis coexistem, se interpenetram e contribuem para transformações mútuas de ambos os mercados — dos modos de produção, comercialização, leitura e consumo de HQs que facultam e lhes marcam.



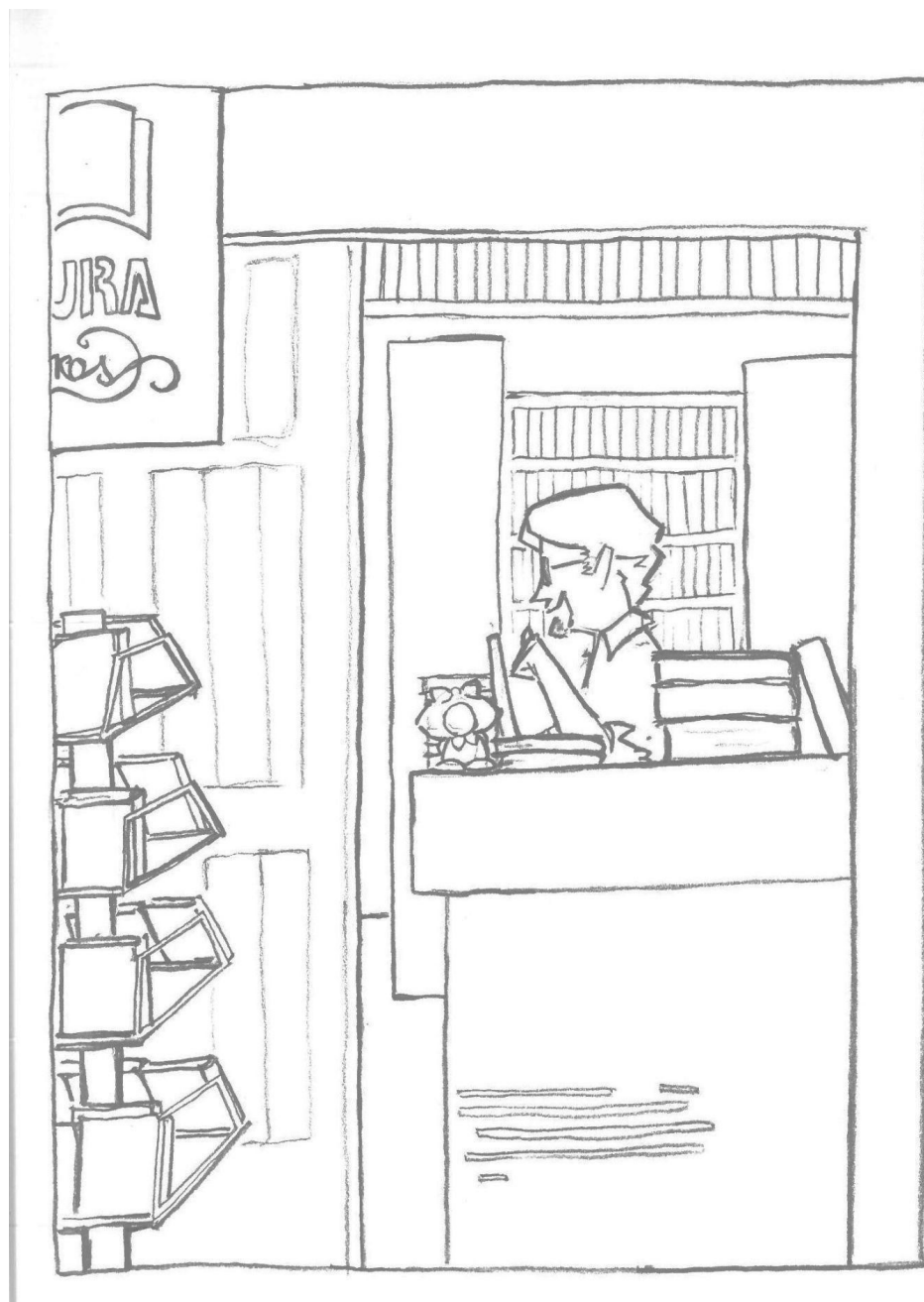
Desenho 3 – O mapa foi feito com lápis grafite 6B e aquarela sobre papel branco 100g.

Cartografia de parte da cidade de “Porto Alegre”, abrangendo as regiões central e norte, e de cidade metropolitana adjacente, “Canoas”, regiões sul e central – há também indicações do rio ou “Lagoa Guaíba” e das “Ilhas do Guaíba”. No mapa, estão marcadas as arenas que orientam a etnografia: os “sebos”, predominantemente localizados no “Centro Histórico” de Porto Alegre, e, um pouco além, o “sebo Ventura Livros (sebo do Gustavo)” — espaço privilegiado de interlocução; bem como a Biblioteca Pública do Estado — “BPE” —, a instituição promotora da “Feira Gibizeira” — através do setor Gibiteca BPE; e, na zona norte da cidade, a “Tutatis”, a “gibiteria” mais longeva em operação na capital; e, na proximidade, a recém-fundada “Loja Panini”, espaço físico da editora italiana de mesmo nome e maior publicadora de HQs no Brasil. Já na cidade de Canoas, mais acima no mapa, a *ComicCon* RS — “CCRS” –, feira de tipo convenção, atrelada aos mercados globais de HQs, cinema e *videogames*.



Desenho 4 – Linha do tempo elaborada com caneta nanquim sobre papel branco 70g.

O desenho apresenta, de forma cronológica, a emergência, a consolidação, a efemeridade e o encerramento de espaços, eventos e plataformas vinculados à produção e à circulação das histórias em quadrinhos na cidade de Porto Alegre. A linha do tempo destaca momentos passados, como a realização de feiras e salões de humor, a presença marcante das bancas de jornal e a abertura da primeira “gibiteria” da cidade — a “Planeta Proibido” (década de 1990). Evidencia também a criação de iniciativas que se consolidaram ao longo dos anos, como o “Sebo Ventura Livros” (década de 1990), a “Tutatis” (2002), o evento “Mutações na Feira do Livro” (2006), a “ComicCon RS” (2011), além do surgimento de plataformas de financiamento coletivo e de *e-commerce*, como o “Catarse” (2011) e a “Amazon” (2012). A linha do tempo incorpora, por fim, movimentos mais recentes, como a abertura da “Gibiteca BPE” (2021), o surgimento da feira “Gibizeira” (2022) e a instalação da “Loja da Panini” em Porto Alegre (2023). Relembra ainda eventos efêmeros, mas significativos, como a “Parada Gráfica” (2013) — a sempre lembrada feira gráfica de produções independentes, que deixou reverberações importantes no cenário local.



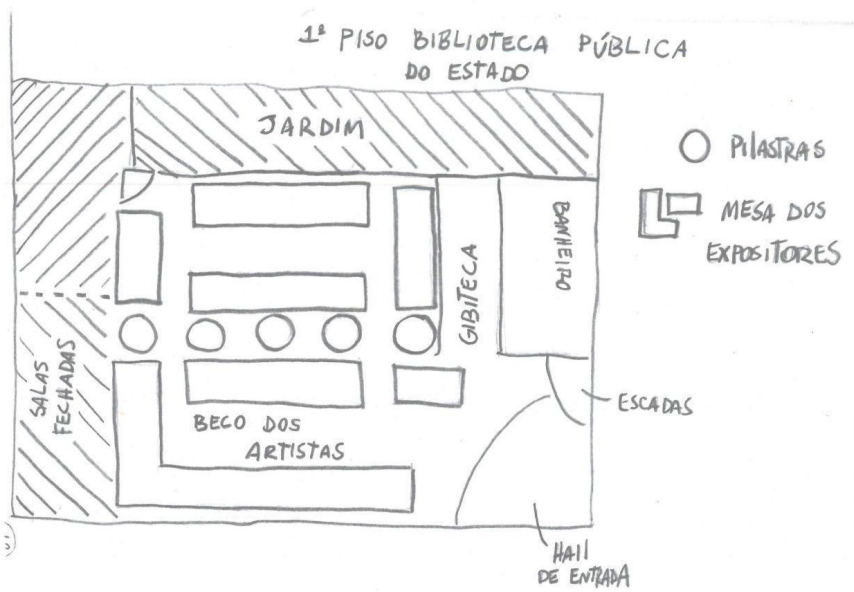
Desenho 5 – Como certa vez me disse Gustavo, “os livros rodam”. Mas como? Lápis grafite 6B sobre papel branco 100g.

Entre diversos objetos editoriais, como literatura romântica e policial, textos poéticos e teóricos, enciclopédias e histórias em quadrinhos, está Gustavo no balcão do sebo “Ventura Livros”. Neste espaço, é possível encontrar HQs tradicionais, historicamente editadas e distribuídas no país, tal qual as narrativas gráficas dos super-heróis estadunidenses, bem como HQs independentes, com personagens do Rio da Prata, do pampa e até mesmo da caatinga, que também passam pelo sebo de Gustavo. Em meio à poeira e luzes amareladas, livros que carregam histórias, assim como as contam em suas próprias materialidades, continuam a circular através dos sebos e seus livreiros.



Desenho 6 – A “Tutatis: Loja de Quadrinhos” é a “gibiteria” em operação mais antiga na cidade de Porto Alegre. Lápis grafite 6B sobre papel branco 100g.

De portas abertas há mais de 20 anos, a “gibiteria” foi fundada por Edie — senhor ao fundo —, atualmente funcionário público aposentado, porto-alegrense, e leitor e colecionador de HQs desde a infância. Edie conduz a “gibiteria” com o auxílio de familiares, como tio Luigi – senhor de sorriso mais simpático empacotando “formatinhos” do Pato Donald –, e a companhia do gatinho cujo nome sempre me escapa — atrás do balcão. A proposta da “gibiteria”, que hoje concorre com plataformas de comércio *online* como a *Amazon*, é disponibilizar para os visitantes e frequentadores “tudo o que esteja sendo editado em termos de quadrinhos no país”. A ideia é seguida à risca, um catálogo recheado, resultando numa vasta variedade de HQs expostas, todavia, predominantemente de conteúdo estadunidense, japonês e europeu.



Desenho 7 – Fachada da “Biblioteca Pública do Estado, Rua Riachuelo, nº 1190, Centro Histórico — POA/RS”, e planta baixa do “1º piso da Biblioteca Pública do Estado” durante a 2ª edição da “Feira Gibizeira” em setembro de 2023. Desenhos feitos com lápis grafite 6B e aquarela sobre papel branco 100g.

A Biblioteca inaugurou em 2021 a “Gibiteca BPE”, acervo de histórias em quadrinhos disponibilizado para acesso público e setor dedicado à promoção de eventos relacionados a tal expressão artística, como exposições, bate-papos, oficinas e feiras de HQs, organizados com a contribuição de quadrinistas e pequenas editoras da capital gaúcha.



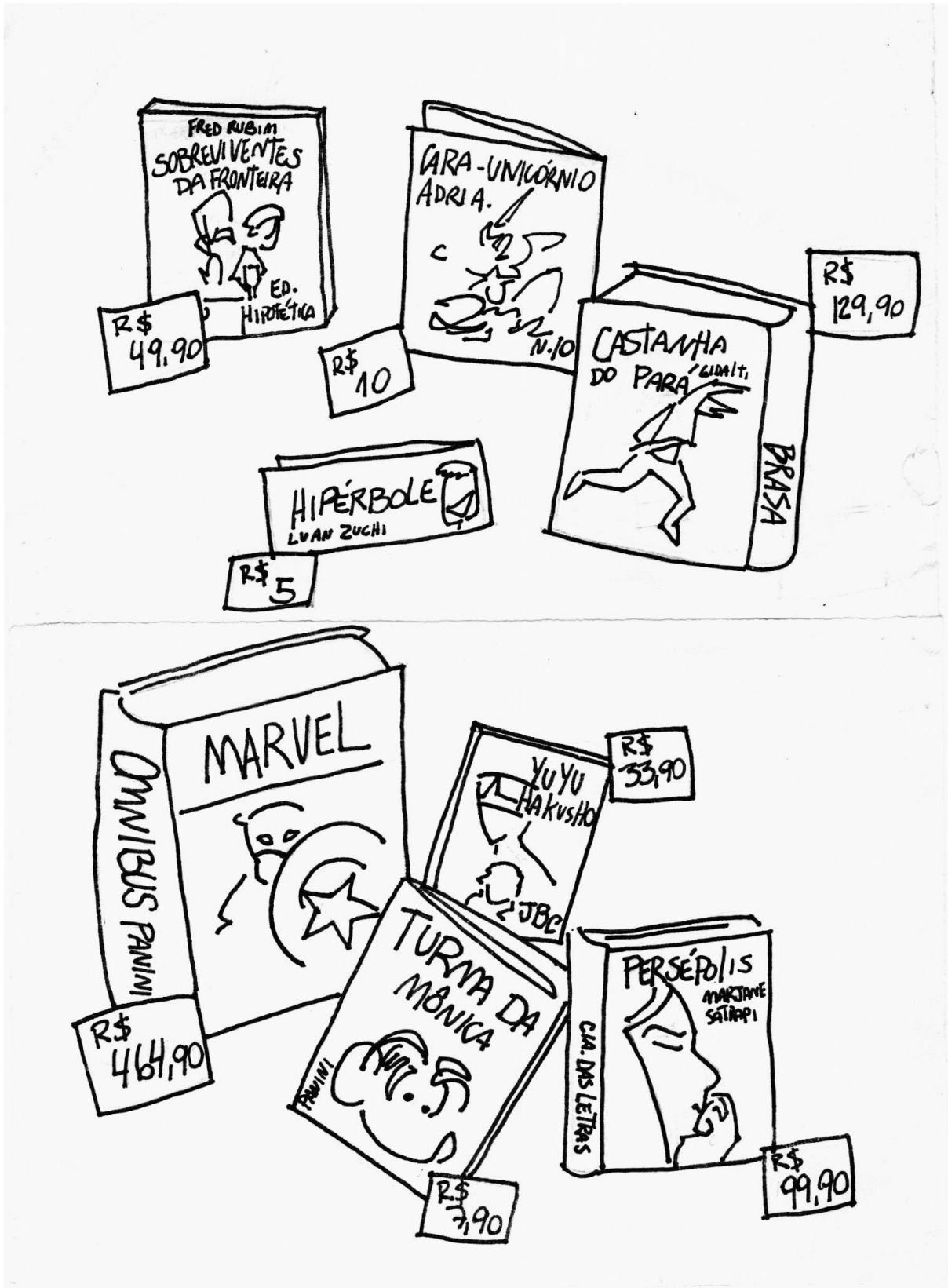
Desenho 8 – “Beco dos artistas”, 2ª edição da “Feira Gibizeira”. Lápis grafite 6B sobre papel branco 100g.

Para além das “exposições”, “painéis” e “oficinas” — que se dividiram entre 1º e 2º piso da Biblioteca —, o beco era o espaço onde quadrinistas e pequenas editoras porto-alegrenses, gaúchas e visitantes, apresentavam suas criações e produções quadrinísticas ao público nos finais de semana do evento. Mais do que um palco onde quadrinistas e editoras expõem e vendem materiais artísticos-autorais — HQs independentes — a feira, propriamente, cria novos artistas e um público interessado através de sua estruturação, que faculta diversas, imiscuídas e imersivas trocas artísticas e mercantis.



Desenho 9 – Como nas feiras “Gibizeira”, painéis também ganham agenda em outras datas na Gibiteca BPE. Lápis grafite 6B e lápis de cor sobre papel branco 100g.

O painel “Quadrinhos e Orgulho” debateu, entre quadrinistas locais, a produção quadrinística que aborda e atravessa o tema, aquela feita, principalmente, por artistas LGBTQIAP+. Caso dos próprios debatedores que, ademais, levaram quadrinhos para apresentação e comercialização entre o público presente. Em junho de 2023, a Gibiteca BPE também estruturou uma exposição sobre a temática, nessa ocasião na qual eu mesma disponibilizei HQs de minha coleção pessoal para exibição.



Desenho 10 – Caneta nanquim sobre papel branco 70g.

A ilustração apresenta uma composição de publicações inseridas em dois circuitos artístico-mercantis distintos: o das HQs independentes e o das HQs editoriais-tradicionais. Na parte superior, destacam-se obras como “Sobreviventes da Fronteira (Fred Rubim/Ed. Hipotética)”, “Cara-Unicórnio (Adri A.)”, “Castanha do Pará (Gidalti/Brasa)” e “Hipérbole (Luan Zuchi)”, representativas e reconhecidas dentro de um circuito pautado pela produção e circulação autônomas, por meio de feiras, pequenas livrarias e sites pessoais, dinâmica que resulta em variedade de preços, formatos e propostas estéticas autorais.

Na parte inferior, encontram-se títulos como “Yu Yu Hakusho (JBC)”, “Persépolis (Marjane Satrapi/Companhia das Letras)”, “Turma da Mônica e um *omnibus* da Marvel (ambos Panini)”, vinculados a grandes editoras e à lógica de distribuição ampla, então, com forte presença de obras estrangeiras e consolidadas.

A justaposição dos dois conjuntos evidencia contrastes em termos de escala editorial, modos de produção e inserção mercantil, apontando para os diferentes atores e divergências estruturais que modulam a circulação das HQs no Brasil.



GUILHERME SMEE
 QUADRINISTA,
 PESQUISADOR,
 CURADOR DA
 GIBITECA BPE
 E INIMIGO DO
 BATMAN.



Desenho 11 – As atividades promovidas pela Gibiteca BPE são impulsionadas pelo esforço de quadrinistas e editoras locais que buscam suporte estrutural e institucional junto à Biblioteca. Desenhos feitos com caneta nanquim preta e caneta esferográfica azul sobre papel branco 100g.

A proposta de criar e manter a gibiteca foi idealizada por “Guilherme ‘Smee’ Sfredo Miorando, quadrinista, pesquisador – e “inimigo do Batman” junto à Morgana Macron, antiga diretora da Biblioteca vinculada à Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul, em 2021.

Dois anos depois, a recém-fundada Associação de Quadrinistas do Rio Grande do Sul (AQUARIOS) passou a trabalhar em parceria com o curador da Gibiteca e com a nova diretora BPE, Ana Maria de Souza.

A AQUARIOS se reunia remotamente e mensalmente, além de promover eventos e reuniões presenciais extraordinárias. Na reunião via plataforma de videochamada desenhada, estavam presentes Christian David, Flávio Soares, Lucas Bierhals e eu, membros da direção. Denis Pimenta, Silvia Canto e o próprio Guilherme Smee — além da passagem de Leandro Dóro — também faziam parte da equipe.

Financiamento: Pesquisa realizada com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa de mestrado.

Referências

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera: Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/altera/article/view/34737/17602>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CALLON, Michel. Qu'est-ce qu'un agencement marchand? In: CALLON, Michel; et al. *Sociologie des agencements marchands: textes choisis*. Paris: Presses Des Mines, 2013. p. 325-440.

COCHOY, Frank. Introduction. In: COCHOY, Frank (org.). *Du lien marchand: comment le marché fait société*. Toulouse: Presses Universitaires Du Mirail, 2012. p. 9-17.

KUSCHNIR, Karina. Desenho etnográfico: onze benefícios de usar um diário gráfico no trabalho de campo. *Pensata: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP*, Guarulhos, v. 7, n.1, p. 328-369, dez. 2018.

MUNIESA, Fabian; CALLON, Michel. La performativité des sciences économiques. In: STEINER, P. ; VATIN, F. (ed.). *Traité de sociologie économique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 289-324.

PATERMAN, Rachel. Da criação de quadrinhos ao desenho de um projeto de pesquisa: um percurso de ciência, arte e saúde. In: TRAJANO, Valéria da Silva; OLIVEIRA, Jonathan Gonçalves; CAMPELLO, Mauro Mauricio Carneiro (org.). **NECES - Núcleo em Ensino, Cultura, Espiritualidade e Saúde**: saberes e vivências. Rio de Janeiro: Edições Livres, 2024. p. 41-69.

PERFEITO, Victória. **Os mercados de história em quadrinhos**: uma abordagem etnográfica a partir de Porto Alegre. 2024. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

Submetido em: 24 jan. 2025.
Aprovado em: 27 maio 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Desenhando os mercados de histórias em quadrinhos em Porto Alegre”, de autoria de Victória Perfeito, está licenciado sob CC BY 4.0.

